

tebas



Ensaios Abertos
2 e 3 de dezembro às 21h

Temporada de 7 a 19 de dezembro de 2010
terça a sábado 21h domingo 20h

APOIO

entrada franca

retirar ingressos com 1h de antecedência

TEATRO LABORATÓRIO ECA/USP - SALA ALFREDO MESQUITA - RUA DA REITORIA Nº 215, (TRAVESSA DA AV. PROF. LUCIANO GUALBERTO) - CIDADE UNIVERSITÁRIA



11 2359.0892



Piolin

tebas

Fernanda Hartmann
Vitor Placca
Micheline Lemos
Fábio Joaquim do Valle
Danilo Gambini
Alex Houf
Amarildo Félix
Tiago da Rosa Real
Renata Calmon
Daniel Aureliano
Ricardo Henrique
Bruna Miglioranza
Mariana Rattes
Ana Guasque
Belize Pinheiro
Edson Montenegro
Camilo Schaden

Dioniso
Édipo
Jocasta
Sacerdote e Polinices
Creonte
Tirésias
Primeiro Corifeu e Guarda
Coríntio
Pastor
Mensageiro
Etéocles
Ismene
Antígona
Segundo Corifeu
Terceiro Corifeu
Quarto Corifeu
Hemon

Luis Mármora
Lucienne Guedes
Valéria Rocha

DIREÇÃO
DRAMATURGIA
ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO

Sandra Sproesser
Ana Maria Spyer
Mônica Montenegro
Andrea Kaiser

TEATRO GREGO
DIREÇÃO DE MOVIMENTO
DIREÇÃO DE VOZ
ORIENTAÇÃO MUSICAL

Mário de Castro
Tayrone Porto
Yolanda Amadei
Milena de Oliveira Faria
Beatriz de Paoli
Lilian Sais
Cristiano Tomiossi
Danilo Gambini
Bertha S. Heller

ILUMINAÇÃO E OPERAÇÃO DE LUZ
FIGURINO
ESTUDOS DE TEATRO GREGO

REGISTRO DO PROCESSO EM VÍDEO
DESENHO GRÁFICO
PRODUÇÃO



DIRETORA DE PRODUÇÃO BERTHA S. HELLER **SEÇÃO TÉCNICA DO TEATRO LABORATÓRIO:** ILUMINAÇÃO E SONOPLASTIA – DENILSON MARQUES, GUSTAVO VIGGIANO, MARCOS PINTO, MARIO DE CASTRO; CENOTÉCNICA – GABRIEL SILVEIRA BARRETO, NILTON RUIZ DIAS, ZITO RODRIGUES –; COSTURA – ILZA DA SILVA SANTOS; RAIMUNDA LOPES DA SILVA SANTOS; SILVANA DE CARVALHO; CENOGRÁFIA E ADEREÇOS – JONAS DE MORAES, PAULO BASÍLIO, RAFAEL RIOS FILHO; ZELADORA – ELBANY SOARES DE LIMA **PROFESSORES DA EAD** ANA MARIA A. SPYER, ANDREA KAISER, ANTONIO ROGÉRIO TOSCANO, CELSO FRATESCHI, CLAUDIO DA V. LUCCHESI, CRISTIANE PAOLI QUITO, ELISABETE V. DORGAM MARTINS (BETE DORGAM), IACOV HILLEL, JOSÉ FERNANDO P. DE AZEVEDO, LUIZ R. DAMASCENO, MARIA ISABEL SETTI, MÔNICA DE A.P. MONTENEGRO, RACHEL ARAÚJO DE B. FUSER, SANDRA R. SPROESSER, SILVANA GARCIA, SILVIA T. BITTENCOURT **SECRETARIA** – CARLOS ALVES DA COSTA (CROATA), KARINA DE ANDRADE, ROBERTO ELIAS JUGDAR **ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA** – DIRETORA PROFA. SANDRA R. SPROESSER, VICE-DIRETOR PROF. DR. JOSÉ FERNANDO P. DE AZEVEDO **ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES** – DIRETOR PROF. DR. MAURO WILTON DE SOUSA, VICE-DIRETOR PROFA. DRA. MARIA DORA GENIS MOURÃO **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO** – REITOR PROF. DR. JOÃO GRANDINO RODAS, VICE-REITOR PROF. DR. HÉLIO NOGUEIRA DA CRUZ.

Agradecimentos Especiais: MOISÉS PANTOLFI DA SILVA E JOAQUIM ABREU (ZITO)

TURMA 60 é: Alex Gabriel Houf de Andrade, Ana Thomasia Magalhães Guasque, Amarildo Alves Félix Catharina, Belize de Souza G. Pinheiro Pombal, Bruna Miglioranza, Camilo Schaden Ghanem, Daniel Aureliano, Danilo Rocha Gambini, Edson Cruz Correia, Fábio Henrique Suave do Vale, Fernanda Hartmann, Mariana Rattes Nunes Vieira, Micheline Lemos Rodrigues, Renata Fonseca de Carvalho, Ricardo Henrique Silva, Tiago da Rosa Real e Victor de Jesus Placca.

TEBAS, adaptação de seis tragédias gregas (*As Bacantes*, *Édipo Rei*, *Édipo em Colono*, *As Fenícias*, *Sete Contra Tebas* e *Antígona*) é inspirada no Ciclo Tebano, o qual retrata as diversas lendas da próspera cidade de Tebas e da sua família real. Sêmele, filha de Cadmo, foi uma das figuras ilustres dessa família, uma vez que é a mãe de Dionísio, deus patrono do teatro.

Marginalizado do Olimpo, por ser filho de uma mortal, Baco, Iaco, Évio, Brômio ou Dionísio, nas palavras de Mircea Eliade, “assombra pela multiplicidade e novidade de suas epifanias e pela variedade de suas transformações. Ele está sempre em movimento; penetra em todos os lugares, em todas as terras, em todos os povos, em todos os meios religiosos (...)”. Um dos traços marcantes de seu destino é a perseguição, que manifesta de modo dramático a resistência contra o modo de ser e religioso do deus. Em *As Bacantes*, de Eurípides, encenada em 405 a.C, vemos o deus voltando à sua cidade natal para reivindicar o seu status divino, já que seu culto ainda era ignorado na Grécia. Penteu, sucessor de seu avô Cadmo no trono de Tebas, proíbe o culto ao deus do vinho e mantinha-se renitente em sua intransigência. Dionísio pune o rei, que é esartejado por sua própria mãe, Agave, que, junto com suas irmãs, havia sido levada à “loucura” (mania) pelo deus.

Entretanto o núcleo mais conhecido do Ciclo Tebano é o dos labdácidas, notadamente Laio, Édipo e seus filhos. *Édipo Rei*, de Sófocles, encenada em 429 ou 425 a.C, conta a história do rei tebano, decifrador de enigmas, considerado o salvador da cidade. Tebas encontra-se em um momento de grande desgraça, assolada pela peste. Édipo então sabe, por meio de um oráculo, que deverá punir o culpado pela morte de Laio, extirpando a mácula de tal assassinio. Sem conhecer a sua própria identidade, de filho e marido de Jocasta, rainha de Tebas e sem saber igualmente que havia matado o próprio pai, Laio, Édipo, em toda sua austeridade, impreca contra o causador dos males da cidade, ordenando que ele seja privado do contato com os demais cidadãos, que não seja recebido em casa alguma, nem possa participar de atos sacros. Vemos então, na tragédia, uma série de peripécias – “mutações dos sucessos no contrário” – que levam Édipo ao reconhecimento de sua identidade, reconhecimento esse que se dá de modo tão verossímil e necessário na ação dramática que Aristóteles o apresenta como “a mais bela de todas as formas de reconhecimento”. Jocasta, sua esposa, diante dos fatos, suicida-se e o rei vaza os próprios olhos, privando-se da luz.

Encontramos a seqüência do mito em *Édipo em Colono*, também de Sófocles, de 406 a.C, em que nos deparamos com o herói idoso, após muito errar como um miserável, amparado por sua filha Antígona, repousando em um bosque sagrado em Colono, nos arredores de Atenas. Édipo, nesta tragédia, adquire um status divino. Logo no início da tragédia, o herói cita o oráculo o qual prediz que o rei protegeria o local em que morresse. Creonte e Polinices então procuram persuadir Édipo a retornar às imediações de Tebas, pois em sua cidade natal ele seria condenado como parricida. Édipo refuta categoricamente o pedido dos dois que o tinham expulsado de Tebas. Ao contrário de Édipo Rei, que é permeado de reviravoltas, há uma linha ascensional que culmina na salvação cheia de mistérios do herói. O cego que agora vê mais claramente do que aqueles que enxerga é Édipo, e não Tirésias, e ele mesmo indica o local em que deve ser sepultado. Assim, conforme Peter Burian, “sua maldição é a retaliação por erros passados; sua bênção, o retorno da benevolência para com aqueles que o salvaram a fim de que ele cumprisse o seu destino”.

A maldição prevista pelo oráculo de Delfos, de que se Laio tivesse filhos a cidade cairia em ruína, é perpetrada e continua nas gerações que seguem: a rixa entre os irmãos Etéocles e Polinices, devido à disputa pelo trono, leva-os a uma dupla morte. É nessa parte do mito dos labdácidas que *As Fenícias* de Eurípides (406 a.C) e *Sete Contra Tebas* de Ésquilo (467 a.C) inspiram-se. Os tragediógrafos, entretanto, apresentam distintas versões do mito: enquanto em *As Fenícias* Jocasta ainda vive e intercede na disputa de seus filhos, pedindo por um acordo pacífico, em *Sete Contra Tebas* a rainha já está morta. Além disso, também vemos uma caracterização diversa das personagens dos irmãos em Eurípides e Ésquilo. Eurípides apresenta a versão do mito em que o acordo feito indicava que o primogênito, no caso Etéocles, tomara o trono por um ano e que haveria de devolvê-lo ao seu irmão após esse período, acordo esse que não é cumprido e que é ressaltado como uma falta de Etéocles. Em Ésquilo, no entanto, vemos o irmão detentor do trono como um protetor da cidade, caracterizado de modo heróico, que morre nas mãos do irmão inimigo, que ameaça a polis tebana junto do exército argivo. Assim, em *Sete Contra Tebas*, nas palavras de Jaa Torrano, “Etéocles invoca as ‘imprecações paternas’ associando-as à sua família, ao grande horror dos Deuses e à Justiça de Zeus, negando toda participação em Justiça a seu irmão e declarando-se o mais justo.”

Por fim, vemos também que a rixa que recai sobre os irmãos não se extingue nem mesmo com a sua morte. Em *Antígona* de Sófocles (441 a.C), encontramos a filha de Édipo em uma disputa com Creonte, seu tio, então rei da cidade, para que tenha o direito de enterrar Polinices, já que o rei havia decretado que seria punido com a morte aquele que ousasse fazer-lhes as honras fúnebres. A cena inicial da tragédia é fundamental para que compreendamos a força da heroína solitária: Antígona, diferentemente de sua irmã, Ismene, faz aquilo que ela não tem coragem de fazer, fá-lo de modo consciente e sem hesitar. Sua heroicidade é ressaltada no diálogo com Creonte, em que a consciência das consequências do seu ato é afirmada. A cidade, representada pelo Coro, mostra admiração pela inflexibilidade heróica de Antígona e apela ao rei por prudência, apresentando um senso de justiça e ética humanas. Creonte hesita, mas já é tarde. Antígona, que fora enterrada viva, enforca-se de modo heróico. Hemon, seu noivo e filho de Creonte, tenta salvá-la, mas, não obtendo êxito, suicida-se.

Milena de Oliveira Faria

É, sem dúvida alguma, uma grande honra ser convidado para dirigir na mítica Escola de Arte Dramática, na qual tive o privilégio de me formar ator na década de 1990. Passar pela EAD, para quem realmente se dispõe conhecer o ofício do ator e a si mesmo, é um profundo processo de transformação. E voltar pra ela, na função de diretor de montagem, podendo desfrutar do convívio com mestres da escola e com os atores-aprendizes é, não só uma ótima oportunidade de estudo e experimentação, mas também, a oportunidade de voltar pra casa e olhar pra ela e pra si mesmo de maneira vasta, generosa.

“Tebas” é um estudo de seis tragédias que compõem o Ciclo Tebano e a encenação, bem como a dramaturgia, é fruto de um intenso processo colaborativo com a Turma 60, que teve início em agosto deste ano.

Diante da grandiosidade do material escolhido, o processo seguiu de maneira sincera. As criações constantes, rápidas, colocaram os artistas numa urgência na qual viam-se convocados, mesmo incompletos os ricos percursos lançados pelos poetas trágicos, a seguir elaborando “poemas cênicos” que são a verdadeira alma da peça, sua estrutura mais sutil.

Convidados por Dioniso a entrar na antiga cidade de Tebas, nascida dos dentes de um dragão, conhecemos um pouco do próprio teatro, sua origem e seus mistérios. O espetáculo é uma expressão de fé. Fé na arte do teatro. Crença no teatro como um espaço sagrado, que resgata o coração e a inteligência dos homens pela festa, pela beleza do encontro.

Agradeço ao Conselho e à direção da Escola de Arte Dramática por confiarem a mim a condução de uma Oficina de Montagem, bem como a todos os funcionários que foram incansáveis em atender nossos mais trabalhosos pedidos. Agradeço à minha mestra-musa Sandra Sproesser, incansável desde o início, em me pegar pela mão e ensinar, cheia de cuidados, cada aspecto do Teatro Grego e do material escolhido para o trabalho, além de criar todas as condições para o desenvolvimento do processo. À queridíssima mestra Yolanda Amadei que gentilmente nos brindou com seu conhecimento e sua encantadora história de vida. À sempre mestra Ana Maria Spyer que aceitou compor a equipe antes mesmo de saber do que se tratava, acreditando incondicionalmente no afeto e na possibilidade do estudo. À mestra Mônica Montenegro que foi exemplo de generosidade e talento durante todo o processo de montagem e à mestra Andrea Kaiser que, carinhosamente orientou a criação musical dos atores.

À minha dedicadíssima assistente Valéria Rocha que traz em si o espírito do teatro e a arte da pedagogia. À brilhante parceira Lucienne Guedes que sempre me encheu de coragem e deu forma dramática a este caos dionisiaco. E finalmente, agradeço a cada um dos dezessete atores da Turma 60 desta escola nos é tão cara. Vocês foram irretocáveis no processo de formação: corajosos frente aos desafios, sinceros diante das próprias insuficiências e extremamente amorosos na relação diária comigo e com o projeto que lhes foi proposto. A cada um de vocês o meu mais profundo respeito e a esperança incansável de que sejamos capazes de louvar sim o nosso ofício, comprometidos com as leis divinas que o regem.

Luis Mármora

A respeito da dramaturgia

“Levar uma tragédia grega para a cena contemporânea?”

Certamente esta foi a primeira pergunta que apareceu na cabeça e no coração de todos os envolvidos neste espetáculo. Mas imediatamente após a pergunta, ao menos para mim, surgiu uma outra, que responde perguntando: por que não?

Eu e Luis Mármora saímos recentemente de um espetáculo, ele dirigindo e eu escrevendo, em que nos reencontramos, no período de ensaios, com o texto de Sófocles *Édipo em Colono*. Para nossa surpresa, nasceu ali, meses antes deste espetáculo aqui na EAD, um grande interesse pela tragédia. Para mim, a tragédia diz respeito a mulheres e homens que ainda podiam se ver como grandes, homens e mulheres cujas missões e desafios os levavam a grandes territórios éticos e demandavam intensa luta, sem a possibilidade de sucumbir, ou simplesmente desistir, frente aos limites de sua humanidade.

Este espetáculo é a concretização desse interesse, abraçado com firmeza pela grande maioria dos envolvidos, alunos e professores. Afinal, são seis as tragédias com que trabalhamos! Juntos, descobrindo como trazer as peças para a cena, para as nossas circunstâncias, nos fortalecemos também e demos espaço para que a força da própria tragédia nos atravessasse.

“Se o nosso mundo está destruído, se não há boas expectativas nas mudanças que daqui podem surgir, é necessário andar para trás, portanto. É necessário sair do drama e voltar à tragédia.” Essas palavras vieram de Anatoli Vassiliev, diretor russo, em sua recente passagem pelo Brasil. Eu compartilho de sua opinião. É isso que move a dramaturgia deste espetáculo.

No mais, agradeço à EAD pelo acolhimento, estímulo, interlocução e ótimas condições de trabalho, aos companheiros de ensaio, e sobretudo ao querido Luis Mármora, pelo convite e pela fé incomum no teatro e na formação de novos artistas.

Lucienne Guedes

Há 21 anos como professora e pela segunda vez na direção da Escola de Arte Dramática, chego no lugar de apresentar, com imenso prazer, o trabalho do terceiro ano (Turma 60) dirigido por um ex-aluno querido e artista admirável: Luis Mármora.

Foi um semestre letivo intenso, de muito trabalho intelectual (estudamos uma tragédia de Ésquilo: “Os Sete Contra Tebas”, de Sófocles: “Édipo Rei”, “Édipo em Colono” e “Antígona” e duas de Eurípides: “As Bacantes” e “As Fenícias”, fora “As Suplicantes”), trabalho físico (pela Professora Ana Spyer e pela Assistente de direção Valéria Rocha Cirilo) e criativo. Sim! Foi um trabalho colaborativo.

E nós - estes corajosos alunos-atores, diretor e equipe de colaboradores - enfrentamos este desafio com o coração de estudante na boca! Desafio com prazeres e limites bem humanos e no melhor sentido, escolares, graças aos deuses que nos fizeram lembrar o tempo todo desta condição.

A minha alegria se configura justamente no reconhecimento e gratidão por termos vivido esta experiência coletiva enfrentando, como guerreiros, a questão que toda tragédia coloca de conhecermo-nos a nós mesmos, ao mundo e às nossas possibilidades de atuação e expressão no mundo.

Sandra Regina Sproesser